

# Lugares de Roma

## As "edicole" (ou nichos) de Nossa Senhora

Quando S. Josemaria chegou à Cidade Eterna em 1946 sentiu grande alegria ao ver que nas ruas abundam as representações da *Madonna*. Costumava perguntar aos que viviam com ele se tinham reparado nelas, e animava-os a descobri-las e a dirigir palavras afectuosas a Nossa Senhora.

Era um hábito já adquirido na sua juventude, como deixou escrito nos seus apontamentos íntimos. “Esta manhã voltei atrás, como um rapazinho, para cumprimentar a Senhora, na sua imagem da rua de Atocha, no alto da casa de S. Filipe. Tinha-me esquecido de a cumprimentar: qual é a criança que perde uma ocasião de dizer a sua Mãe que a ama? Senhora, que eu nunca seja uma ex-criança.”<sup>1</sup>

No centro histórico de Roma há cerca de quinhentas "edicole" da Virgem Maria. Até meados do século XIX eram quase três mil, mas muitas desapareceram com as transformações urbanísticas levadas a cabo a partir de 1870. A palavra "edicola" designa uma pequena construção, a modo de templete, ou vitrina, que protege a imagem das inclemências do tempo. Não se sabe ao certo em que altura se começaram a colocar estas representações de Nossa Senhora nas ruas, mas alguns autores sugerem que a

<sup>1</sup>S. Josemaria, Apontamentos íntimos, citado em A. Vázquez de Prada, Josemaria Escrivá, vol I (trad. port.), p. 313



Nas ruas de Roma há centenas de *edicole* de Nossa Senhora. No centro, o ícone de Santa Maria *Salus Populi Romani*, uma das imagens de Nossa Senhora mais veneradas na Urbe.

difusão deste costume está relacionada com uma das imagens mais queridas dos habitantes da cidade, venerada na Basílica de Santa Maria Maior e conhecida por *Salus Populi Romani*. Segundo uma antiga tradição, o nome desta representação deve-se a um milagre ocorrido em 590. Roma fora assolada pela peste, e os seus habitantes levaram em procissão esta imagem desde Santa Maior até São Pedro para implorar o fim da epidemia. Quando passavam junto ao mausoléu de Adriano, apareceu um anjo que metia a espada na bainha, dando a entender que por intercessão da *Madonna* o mal cessava. Desde esse momento, a fortaleza começou a ser chamada Castel Sant' Angelo, e nas



A Praça Redonda, onde se encontra o Panteão, tem a presidi-la a figura senhoril de Santa Maria em lugar destacado. Trata-se de um fresco de grandes dimensões (1.50m por 1.00m) emoldurado com motivos escultóricos. Ocupa quase dois andares do edifício: do rés-do-chão ao primeiro andar. Não se sabe o nome de quem promoveu a sua colocação em tal lugar, mas, segundo Catastro Gregoriano (1816-1859), aí viveram Benigno e Alessandro Giorgi e também Vicenio Michele de Rosi.

Com base no testemunho iconográfico e na existência de uma gravura de Vasi, de 1755, pode afirmar-se que a pintura foi executada em meados do século XVIII.

O tema da Imaculada Conceição é reforçado pela inscrição do Cantar dos Cantares bem visível na parte inferior: *Tota pulchra es, amica mea, et macula non est in te* (Toda formosa sois, minha amada, e em ti não há mancha alguma). A iconografia cinge-se aos ditames da tradição: manto azul, mãos cruzadas sobre o peito e, a seus pés, a lua e serpente. A devoção à Imaculada Conceição estava certamente já muito difundida em Roma, muito antes de Pio IX, em 1854, ter proclamado o dogma da Imaculada Conceição de Nossa Senhora.

fachadas das casas por onde havia passado o cortejo colocaram-se em agradecimento reproduções da *Salus Populi Romani*.

Durante a Idade Média e o Renascimento difundiu-se ainda mais o costume de colocar imagens nas ruas para honrar Nossa Senhora; e a algumas destas representações aparece ligada a notícia de milagres. Até bem adiantado o século XIX, não existia outra iluminação pública a não ser a das lamparinas que os cidadãos acendiam diante das imagens da Virgem. Serviam também como ponto de referência que os transeuntes utilizavam para se orientarem. Era assim que um estudioso de arte sacra explicava o facto nos finais do século XIX: “as lamparinas perpétuas colocadas pelos fiéis diante das imagens marianas são ao mesmo tempo sinal de devoção e luz que orienta o viandante; este, ao vislumbrar os rostos iluminados de Maria, não se perde nem nos caminhos da vida nem pelos da cidade”.



Diante da Fontana di Trevi, vê-se um singelo monumento a Santa Maria que remontará a cerca de 1700. É um busto de pedra esculpida, com moldura de estuque de forma oval. Encontra-se entre a Via delle Muratte e o Vicolo del Forno. As pregas das vestes e do manto lembram as das esculturas romanas clássicas. A primitiva lamparina que, segundo o costume iluminava a imagem, foi substituída por um candeeiro eléctrico, de braço, cujo quebra-luz de vidro lembra o tremular da chama.



Edicola situada na Piazza delle Cinque Lune.

Na fachada de Via de Vila Sachetti, n. 36, encontra-se uma imagem de Nossa Senhora do Loreto que - por vontade de S. Josemaria - segue esta tradição romana de adornar as fachadas das casas. Em 1957, quando se estava a terminar a construção desta parte do edifício, o fundador do Opus Dei, quis que se pusesse uma *Madonnella* ao gosto romano, com um suporte para colocar flores e acender lamparinas. Desse modo quem passasse por ali poderia implorar a



Um elegante medalhão oval, com a representação Virgem com o Menino, é bem visível no ângulo do Palácio Chigi, na Piazza Colonna, lugar muito central de Roma. Destaca-se a figura de Nossa Senhora com o seu Filho, em branco marfim sobre fundo azul. No estilo das terracotas dos ceramistas florentinos Della Robbia, o grande medalhão - que é datável da segunda metade do século XIX - tem uma cornija dourada como remate, e é adornada na sua parte superior com fitas entrelaçadas com folhas que culminam com a cabecinha de um pequeno anjo. Na parte inferior, um misula singela, com folhas de acanto, serve de apoio.

protecção de Santa Maria. Na Piazza delle Cinque Lune, há uma *edicola* que tem uma portinha que permite aceder a ela do interior da fachada em que se encontra. S. Josemaria pensou que esse sistema seria útil para proceder à limpeza e arranjo desta imagem, e foi assim que se copiou a ideia. Realizou-se em mosaico, material duradouro e apto para resistir ao ar livre. Está enquadrada por uma moldura de mármore travertino claro de Tivoli que contrasta de forma peculiar - típico das construções romanas - com a parede cor de tijolo.

São Josemaria deixou plasmado o seu amor a Santa Maria nesta e em muitas outras representações. Uma devoção que, como explicava S. Josemaria, é uma verdadeira *necessidade* de filhos.

“Um olhar pelo mundo, um olhar sobre o Povo de Deus neste mês de Maio que começa, faz-nos contemplar o espectáculo da devoção mariana manifestada em tantos costumes, antigos ou novos, mas sempre vividos com um mesmo espírito de amor. Dá alegria verificar que a devoção à Virgem está sempre viva, despertando nas almas cristãs um impulso sobrenatural para se comportarem como *domestici Dei*, como membros da família de Deus.”<sup>2</sup>

2. *Cristo que passa*, n. 139